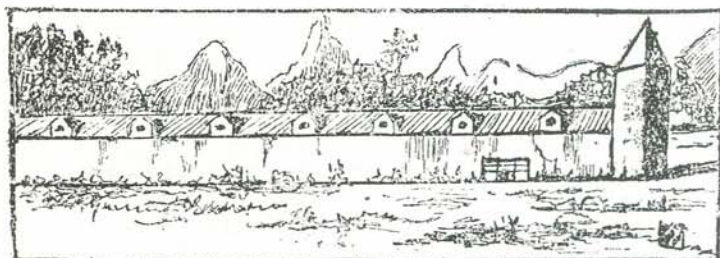


**Chafariz das Marrecas. — A aqueduto de Catumbí. —
Chafariz do Lagarto**

—



V

O aqueduto que liga o morro de Santa Tereza ao de Santo Antônio, num lance de trezentos metros, foi denominado, pelo povo, "Arcos da Carioca"; depois de ligar-se a Santo Antônio, bifurcava-se em um conduto de pedra e cálcio, levando água da Carioca ao "Chafariz das Marrecas", que se achava na encosta do mesmo morro, no alinhamento da rua dos Barbonos, hoje Evaristo da Veiga.

Este foi construído por mestre Valentim, no governo de D. Luiz de Vasconcellos, em frente ao Passeio Público, separado dele pela rua das Belas-Noites, depois Marrecas, Barão de Ladário; mas, felizmente, voltou a ser rua das Marrecas.

Foi ele a página histórica do Passeio Público, sem o qual não se conheceria nada a respeito do jardim, de que é o complemento, e que, no entanto, foi destruído.

Por que?

A melhor descrição feita deste chafariz deve-se ao padre Luiz Gonçalves dos Santos, em suas memórias.

Diz ele:

"Esta fonte (das Marrecas) é elegante, em semi-círculo a sua figura, cuja corda fica ao correr da rua (dos Barbonos), onde estão dois tanques, com bocas de leão vomitando água, para nêles beberem as bestas; no plano superior, está outro

tanque com “cinco marrecas de bronze”, que nêles lançam água pelos bicos; na fachada desta fonte se vê uma grande inscrição lapidar e, no alto, sobresaem as armas de d. Luiz de Vasconcellos; perpendiculares aos tanques e escada de oito degraus, estão dois balcões de ferro, os quais pegam em duas pilastras de pedra lavrada, que estão nas extremidades do semi-círculo e sobre as quais estão duas figuras de metal que representam o “Caçador Narciso” e a “Ninfa Eco”.

Triste sorte teve êste chafariz; como um traidor, esquarterado, por que razão, não sei; talvez, por ser histórico ou por ser uma obra prima de Valentim!

As estátuas identificadas, não como o “Caçador Narciso” e “Ninfa Eco”, mas sim, como “Diana Caçadora” e “Ninfa Naiade”, foram recolhidas ao Jardim Botânico pelo dr. Barbosa Rodrigues, onde até hoje se encontram no parque, sobre pedestais com inscrições, dizendo serem as primeiras fundidas no Rio de Janeiro por mestre Valentim.

Das marrequinhas, que eram cinco, duas estão no Arquivo Público, uma na Baía e as outras bateram azas...

Da pedra lapidar, com as inscrições em latim, ninguém sabe o destino.

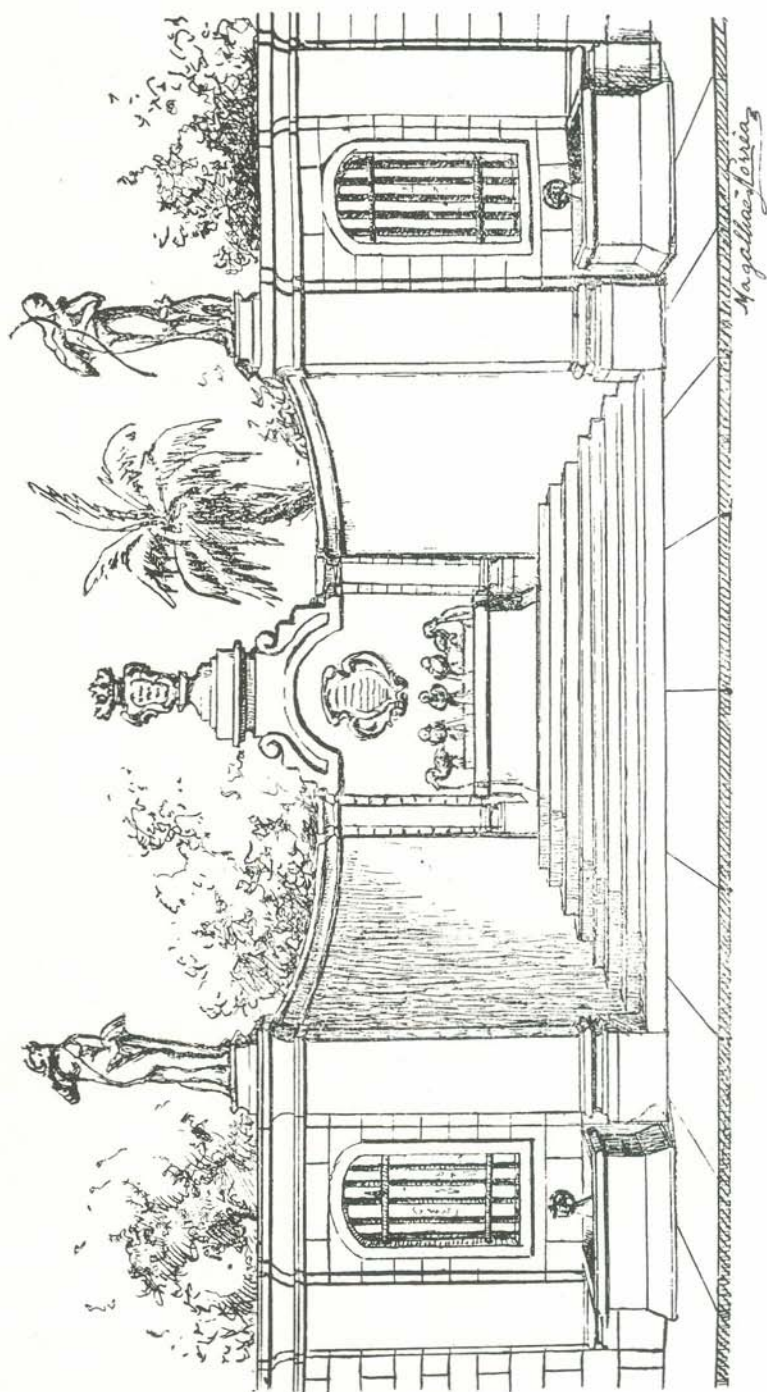
Os tanques, dizem terem sido aproveitados para os animais do Quartel de Polícia, mas nada de positivo encontrei a respeito.

Com o alargamento do Quartel dos Barbonos, desapareceu o chafariz, colocado entre êste e a “Roda” das creanças abandonadas.

O melhoramento do quartel redundou na morte do monumento mais interessante da época de Luiz de Vasconcellos.

Em fórmula de exedra, foi propositadamente feito para dali d. Luiz de Vasconcellos, mestre Valentim da Fonseca e Silva, Xavier dos Passaros, Xavier das Conchas e Leandro Joaquim, como ponto de vista, observarem a perspectiva do Passeio Público, nessa época em que os artistas eram os que sentiam e apreciavam o que era belo, numa natureza que tudo suplantava.

Com documentos que possuo procuro dar uma pálida idéia do chafariz desaparecido há muitas décadas, fazendo



Chafariz das Marrecas

a sua reconstituição, para que se possa avaliar, mesmo vagamente, o que foi a obra do mestre Valentim, feita para o nosso patrimônio artístico.

A inscrição que existia no chafariz era a seguinte:

"MARIA — PRIMA ET PETRO — TERTIO — REG-
"NANTIBUS. PESTIFERO — QUONDAM — EXSICCATO —
"LACU ET — IN — AMBULATIONIS — FORMAM — RE-
"DACTO. INGENTIS — MURO — MARINIS — PROPULSATIS
"— AQUIS. FONTANIS — INDUCTIS — VOMENTI — AERE
"PARIETIBUS — RUPTIS — IN — VIAM — CONVERSO-
"HORTO — DOMIBUS — MIRABILI — SYMMETRIA —
"CONSTRUCTIS. ALOISIO VASCONCELLOS DE SOUZA —
"PROREGI — CUJUS AUSPICIIIS — HAEC — SUNT —
"PERPETRATA. FLUVII — JANUarii — POPULUS —
"GRATI — ANIMI ERGO. PRIDIE — KALENDAS — AU-
"GUSTI — AN.

MDCCLXXXV

Segue-se a versão com o caráter da época, feita especialmente para este trabalho, pelo dr. Padberg-Drenkpol, do Museu Nacional.

"Durante o reinado de Maria I e Pedro III
Secou-se um lago outróra pestífero.
E converteu-se em fórmula de passeio.
Repeliram-se as águas do mar por ingente muralha.
Aduziram-se fontes em jorrantes bronzes.
Derribados os muros, transformou-se o horto em rua,
Construíram-se casas em admirável simetria.

Ao vice-rei Luiz de Vasconcellos de Souza, sob cujos auspícios foi tudo isso realizado.

O povo do Rio de Janeiro, em sinal de grato ânimo.
No dia 31 de julho do ano de 1785."

Como acabamos de ver, o chafariz das Marrecas era a chave do Passeio Público, pela qual sabemos que antes dele existia um "horto", do qual Luiz de Vasconcellos mandou botar abaixo o muro, para abrir uma rua (Belas Noites) construindo casas, em admirável simetria.

De fôrma que anteriormente ao Passeio Público havia um horto, que, arruado, foi ampliado com o aterrado da Lagôa do Boqueirão, dando origem ao atual jardim, obra de mestre Valentim da Fonseca e Silva.

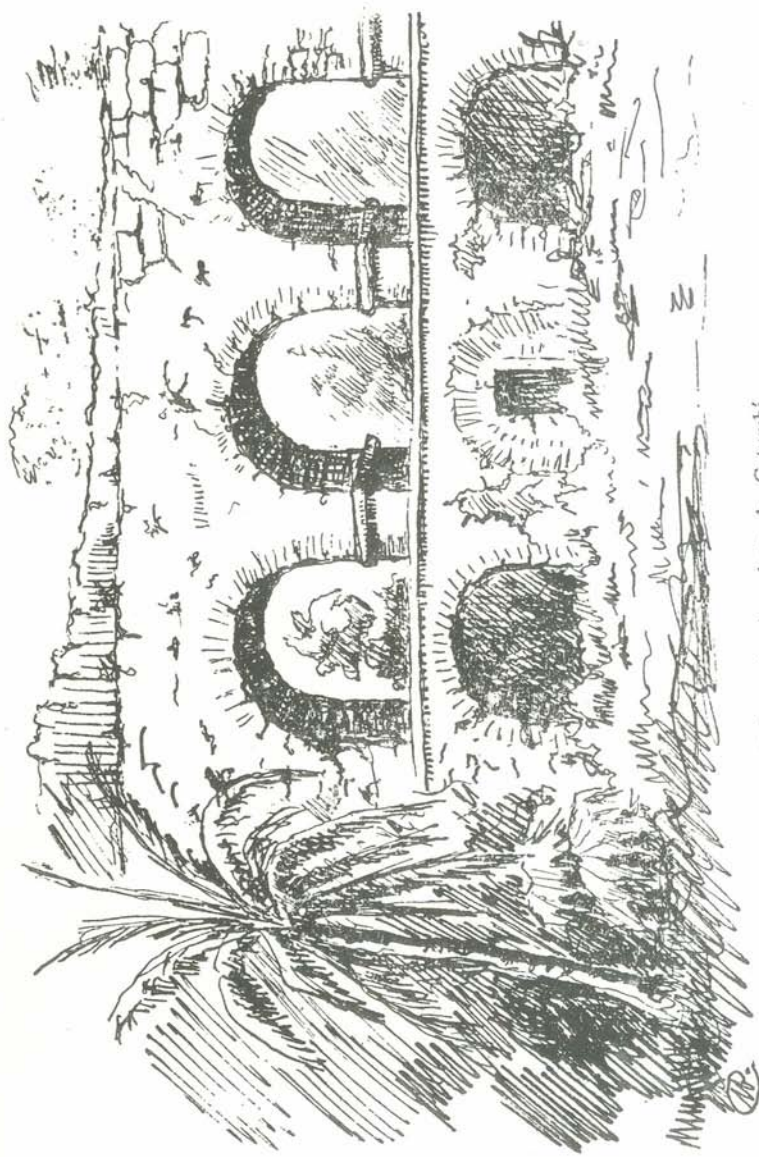
Rio de Janeiro, 9 de Janeiro de 1933.

Ilustre professor Fernando Magalhães. Saudações.

Tendo ocasião de ler o livro "Centenário da Escola de Medicina" que acabais de publicar, surpreendo-me ao encontrar a estampa "A casa da rua dos Barbonos, 66", com a reconstituição do Chafariz das Marrecas, calcada sôbre a minha, de acôrdo com os documentos descritivos publicados por mim no "Correio da Manhã" de 19 de Janeiro de 1930, e que faz parte do meu modesto trabalho "Recordações das Pontes e Chafarizes" que pretendo editar.

No entanto, aparece o título: "reconstituição de acôrdo com a litogravura Ciceri e Beoist (fundo da casa) e a Cromolitografia de Emile Bausck (ambos dos meados do século XIX). (Desenho do professor A. Memoria.)

Historiemos os fatos: para atender ao pedido do distinto amigo professor Roquette Pinto, no sentido de fornecer-vos informações a respeito do aludido chafariz, ia procurar-vos. Mas uma telefonema vossa a êsse respeito fez com que me prontificasse a apresentar-vos, no dia seguinte, na Reitoria, o capítulo já publicado "O Chafariz das Marrecas", assim como uma fotografia da sua reconstituição de minha autoria, os quais vos ofereci. Tivestes então oportunidade de me mostrar a reconstituição feita da casa da rua dos Barbonos, 66, e do aludido chafariz, desenho sem assinatura. Fiz ver então que o mesmo estava errado, por ter o desenhista colocado na parte central um *oratório*, que aparece na litogravura citada, no lado oposto, canto da rua das Bellas Noites, em lugar de estar a "inscrição lapidar" em forma de cartucha e no alto as armas do vice-rei d. Luiz de Vasconcellos; *os dois tanques*, assim como os *balcões de ferro*, colocados, no interior do semicírculo, quando deveriam estar, lateralmente, na corda do



Ruínas do Aqueduto de Catumbí

mesmo, entre as pilastras; nas *pilastras de pedra lavrada* das extremidades do semi-círculo encimavam ornatos em forma de pinha, quando deveriam aí se erguer as estátuas de Diana Caçadora e Ninfa Naiade.

Do exposto, conclue-se que agora na reconstituição de A. Memoria não fez êste mais do que se orientar pelo meu trabalho para isto apêlo ao vosso testemunho. Estou certo de que sabereis ser justo comigo. Si não me conheceis ainda é muito fácil: basta saberdes da minha fé de ofício; sempre trabalhei sem interesse pecuniário, não tenho um ato na minha vida de deslealdade; quanto à A. Memoria podereis ler o processo de "A. Memoria contra Modestino Kanto" e compreendereis quem é êsse architecto.

Lamentando esta situação, protesto contra a má fé do desenhista A. Memoria, pois o registro dos direitos de autor em nossa especialidade, se acha, por lei na E. Nacional de Belas Artes e que calamidade!

Compreendeis perfeitamente, como homem de responsabilidade a gravidade dêsse caso.

Faço esta declaração em carta por merecerdes todo acatamento e aguardando a palavra do ilustre professor, subscrevo-me com tôda a consideração.

Armando Magalhães Corrêa.

Rua Pinto Telles, 234 — Cascadura.

Exmo. Senhor Magalhães Corrêa.

Desejo muito cordialmente desfazer o equívoco da sua carta. Antes de tudo porém declaro que o nome do professor Memoria ao desenho do meu livro foi colocado por mim e desobedecendo o seu desejo. Acredito que êle muito se contrariou com isso. Portanto, o culpado sou eu e, assim, peço-lhe que me ouça em poucas palavras. Não me interessando o caso do chafariz das Marrecas, si lhe falei nele foi para conhecendo qualquer gravura, aproveitar o aspecto da casa ao lado onde funcionou a Faculdade. A casa não foi notória, ao contrário do chafariz e documentado gráficamente o chafariz provavelmente eu poderia reproduzir a casa. Infelizmente nada se achou a não ser a reconstituição imaginativa do chafariz. Nestas condições, o meu livro traz a reprodução imaginária também da casa. Peço-lhe que atenda a minha explicação. A meu pedido, o professor Memoria reconstituiu

a casa onde estava a Faculdade, e não o chafariz, accessório da paisagem e seu accessório que dele não se diz no texto explicativo. Nenhuma apropriação houve, pois, nem intenção em lhe ser adverso. Ofereço-lhe tôdas as minhas excusas e espero que as receba. Creia-me muito ahorrécido com a idéia de o haver magoado.

Valho-me porém da minha absoluta lealdade e a certeza de que, focalizando a casa, a ela apenas estendi a significação do desenho.

Seu servidor muito agradecido,

Fernando Magalhães.

O aqueduto de Catumbí

Este aqueduto foi construído no tempo de d. Luiz de Vasconcelos, para trazer as águas do rio Catumbí, que veio aumentar o abastecimento dêsse líquido à cidade.

O chafariz do Lagarto foi o primeiro que jorrou água dêsse manancial, e, mais tarde, o de Catumbí e Lavadeira.

O aqueduto, partindo da "Cova da Onça", atravessava a rua Itapirú e vinha até à encosta do morro de Paula Matos, onde terminava.

Revestia o caráter das arcarias plenas superpostas, ou arcarias sobre grandes massiços de alvenaria, sistema anterior aos sifões ou canos metálicos dos modernos abastecimentos d'água. Ele foi cortado pela rua Itapirú, de cuja demolição só ficou a parte da encosta do morro de Catumbí, e do que, até bem poucos anos atrás, se viam ainda as ruínas.

O chafariz do Lagarto

No tempo ainda de Luiz de Vasconcelos, o Senado da Câmara mandava construir um chafariz, colocado no Caminho do Engenho Pequeno, pouco acima da lagoa do Capucirussú ou Sentinela, depois rua do Conde e hoje Frei Caneca.

Era abastecido, como ficou dito, pelo aqueduto de Catumbí, que seguia a encosta do morro de Paula Matos, sobre um muro em forma de rampa, que, mais tarde, o separou do de Catumbí; entre êles foram colocadas quatro grossas torneiras de bronze.



Chafariz do Lagarto

Neste chafariz, feito para abastecer o povo e os animais que por aí passavam, até hoje ainda os ambulantes e condutores de animais param para darem água aos mesmos.

Sua construção consta de uma singela e correta frontaria, composta de duas pilastras e frontão curvo, na base um tanque de pedra, sobre o qual pousa um nicho elíptico, onde um lagarto de bronze, sobre um pedestal de pedra, fornece água pelas mandíbulas e que se projeta no tanque.

No centro do chafariz, em mármore, oval, está a seguinte inscrição:

“SITIENTI POPULO
SENATUS
PROEUSIT AQUAS
ANNO
MDCCLXXXVI”

“Ao sedento povo, o Senado deu água em abundância, ano 1786”.

Em vez de Proeusit deveria estar Profusit para que a inscrição seja correta.

O chafariz, à primeira vista, tem a fisionomia de um altar das igrejas coloniais e o seu nome vem do lendário Lagarto, e que, felizmente, veio até nós funcionando sempre.

Há trinta anos atrás, o chafariz foi falado, pois, misteriosamente, em uma certa hora do dia, corriam moedas de vinte e de cem réis, de cima do paredão para a rua, o que alvoroçou o povo circumvizinho e deu muito trabalho à polícia, que, finalmente, prendeu o autor da brincadeira. Mas assim mesmo perdurou durante muito tempo a superstição do povo, de que o chafariz era assombrado.

Foi este o mais simples e simpático chafariz da cidade, talvez pela bela obra de animal, que está modelada em assombroso flagrante de movimento, e naturalidade dos saúrios, para aqueles que vêem a alma das pequeninas coisas.

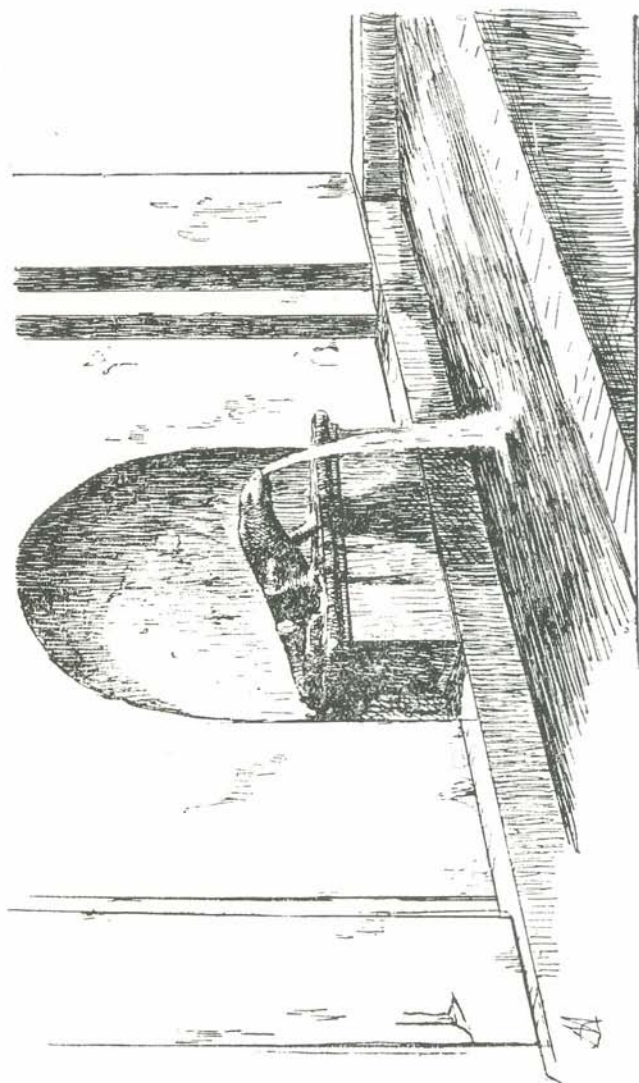
O autor deve ser mestre Valentim, que nessa época era o artista da moda, amigo e protegido de Luis Vasconcelos e que tendo executado os dois chafarizes do Passeio Público e o das Marrecas, deveria forçosamente tê-lo executado também, pois foi o terceiro e último do tempo dêsse vice-rei.

Esse artista, que fôra estudar em Lisboa escultura e obra de talha e que executou aqui tôdas as modalidades de sua

arte, desde bijouteria à estatuária, foi ainda o autor dos ornatos da igreja do Carmo, da obra de talha da Cruz dos Militares, do altar-mór da igreja do Hospício, dos ornatos da igreja da Candelária (antiga), da capela da igreja de São Francisco de Paula, desenhou e modelou as lâmpadas de prata das naves de São Bento, Carmo e de Santa Rita.

São estas as razões de minha convicção, por terem sido êle e um galé, seu ajudante, os únicos fundidores de peças de arte no Rio de Janeiro nessa época.





O Lagarto em bronze